

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

TAMIRES DE SOUZA MOTA

**O PSICOPEDAGOGO NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR:
REFLEXÕES INICIAIS**

MARINGÁ
2016

TAMIRES DE SOUZA MOTA

**O PSICOPEDAGOGO NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR:
REFLEXÕES INICIAIS**

Trabalho apresentado ao curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Celma Regina Borghi Rodriguero

MARINGÁ

2016

TAMIRES DE SOUZA MOTA

**O PSICOPEDAGOGO NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR:
REFLEXÕES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da Prof^a. Dra. Celma Regina Borghi Rodriguero.

Aprovada em: 03/02/2016

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Celma R. Borghi Rodriguero (Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Prof^a. Dra. Eliane Rose Maio
Universidade Estadual de Maringá

Porfa. Me. Jeinni Kelly Pereira Puziol
Universidade Estadual de Maringá

**MARINGÁ
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, meu Pai que me sustentou do início ao fim desta minha jornada na universidade, me iluminando, fortalecendo.

À minha família por todo carinho, incentivo e amparo ao longo destes quatro anos de graduação e por sempre estarem presentes, tanto nos momentos de dificuldades quanto de alegrias: meu pai José Ari, minha mãe Maria Rute, meu irmão Vinícius, minha irmã Thaís. Ao meu noivo, e futuro esposo, Hudson, por todo amor que sempre mostrou para comigo em todos os momentos, por me incentivar e me auxiliar em tudo que foi necessário.

Às minhas amigas Grazieli Brambila, Maiara Assumpção, Maria Simone, Sabrina de Jesus, Samara Santos, pela amizade, companheirismo, dedicação, paciência e por me ampararem nos momentos de impasses que surgiram ao longo do curso.

Em especial à minha querida orientadora, Prof^a Dra. Celma Regina Borghi Rodriguero, por compartilhar de sua sabedoria para que eu pudesse realizar este trabalho. Pela dedicação, atenção, compreensão, disponibilidade. Também aos professores da banca examinadora que carinhosamente aceitaram o convite para examinar e contribuir com este trabalho.

MOTA, Tamires de Souza. **O psicopedagogo no contexto da aprendizagem escolar: reflexões iniciais**. 2016. 24 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Tamires de Souza Mota¹

Celma Regina Borghi Rodriguero²

RESUMO

O presente estudo teve como tema a Psicopedagogia e o processo de aprendizagem escolar e por objetivo refletir sobre o papel do psicopedagogo no referido processo vivenciado pela criança. Como desdobramento deste, buscaremos identificar as atribuições e possíveis contribuições do profissional da psicopedagogia, bem como refletir sobre sua relação com alunos e comunidade escolar. Partindo do princípio de que o atendimento psicopedagógico tem sido cada vez mais solicitado nas e pelas escolas, acreditamos ser de grande importância refletir a respeito de suas atribuições e contribuições para a educação. Portanto, o tema em questão foi escolhido devido a uma inquietação particular com relação à atuação do psicopedagogo no contexto escolar, como se dá sua relação com o corpo docente das instituições e com as famílias dos alunos. Trata-se de uma pesquisa teórica, apresentada no formato de artigo. Como resultado, verificamos a necessidade de ampliarem as discussões sobre o trabalho do psicopedagogo no contexto escolar e entender sua importância no processo de aprendizagem escolar, pois suas contribuições são significativas no acompanhamento e intervenção junto aos alunos que podem apresentar dificuldades de aprendizagem, bem como aos que já as possuem. E, para isso é necessário que este profissional leve em consideração os aspectos cognitivos, emocionais, culturais, sociais, econômicos e escolares do aluno.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Aprendizagem. Dificuldades de Aprendizagem.

ABSTRACT

The present study had as its theme the Psychopedagogy and the process of school learning and out to reflect on the role of the educational psychologist in that process experienced by the child. As an extension of this, we will seek to identify the roles and possible contributions of professional educational psychology, as well as reflect on their relationship with students and school community. Assuming that the educational psychology service has been increasingly requested in the schools and we believe it is of great importance to reflect on their roles and contributions to

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia

² Prof^a Dr^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM, Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

education. Therefore, the issue in question was chosen because of particular disquiet with regard to educational psychologist's performance in the school context, how is your relationship with the faculty of the institutions and the students' families. This is a theoretical research, presented in the paper format. As a result, we see the need to expand discussions on the work of the educational psychologist in the school context and understand its importance in school learning process because their contributions are significant in monitoring and intervention with students who may have learning difficulties, as well as to that already have. And for this it is necessary that this lightweight professional into account the cognitive, emotional, cultural, social, economic and school student.

Keywords: Psychopedagogy. Learning process. Learning Disabilities.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a Psicopedagogia e o processo de aprendizagem escolar. Buscamos por meio desta, responder à seguinte problemática: Qual o papel do psicopedagogo no contexto da aprendizagem escolar? Como desdobramento da referida questão buscaremos identificar as atribuições e possíveis contribuições desse profissional, bem como sua relação com alunos, familiares e comunidade escolar, tendo como foco, o Ensino Fundamental.

Para a realização da pesquisa nos apoiamos em autores que estudam o tema dentre os quais: Patto (1996), que trata da produção do fracasso escolar, tendo em vista as classes populares da sociedade; Weiss (2012), que estuda a aprendizagem humana e os fatores que conduzem ao fracasso escolar; Yaegashi (1998) e (2012), que estuda a família e os transtornos do desenvolvimento/aprendizagem e discute a Psicopedagogia e suas contribuições para aprendizagem escolar. Para este estudo adotamos a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2008) é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Os alunos que apresentam dificuldades escolares, mas que recebem um acompanhamento especializado por parte de um profissional da área da Psicopedagogia e, desta forma, se apresentam a eles caminhos para a superação das dificuldades, demonstram avanço no processo de desenvolvimento escolar. Vale destacar que a influência positiva de seus familiares também contribui de

forma especial neste processo de escolarização, aumentando as possibilidades de superação do fracasso escolar.

Muitos são os desafios que a escola enfrenta com relação às dificuldades no processo de aprendizagem escolar. Concernente a este fato, deve-se levar em consideração que o não aprendizado dos alunos se dá por diversas causas, ou seja, estão ali envolvidas questões históricas, sociais, econômicas, culturais, biológicas, afetivas e familiares. Neste sentido, o papel do psicopedagogo no contexto escolar é primordial, uma vez que o mesmo pode lançar um olhar diferenciado sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos, ou anunciadas pela escola, buscando promover reflexões sobre as causas de forma a oferecer encaminhamentos para essas dificuldades. Pode ainda auxiliar o trabalho dos professores, reestruturando as práticas pedagógicas visando superar ou minimizar tais problemas no processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças.

Partindo do princípio de que o atendimento psicopedagógico tem sido cada vez mais solicitado nas e pelas escolas, acreditamos ser de grande importância refletir acerca de suas atribuições e suas reais contribuições para a educação. Portanto, o tema em questão foi escolhido devido a uma inquietação particular no sentido de refletir e compreender a atuação do psicopedagogo no contexto escolar, como se dá sua relação com o corpo docente das instituições e com as famílias dos alunos.

Neste sentido, entendemos que o psicopedagogo ao intervir na realidade do aluno, deve levar em consideração todos os fatores que podem influenciar no processo de aprendizagem, pois assim conduzirá sua prática em direção à compreensão das reais causas das dificuldades de aprendizagem deixando de lado uma visão reducionista.

Para melhor organização e compreensão do trabalho, inicialmente buscamos definir e caracterizar o trabalho do psicopedagogo. Num segundo momento discutiremos sobre como se desenvolve o trabalho do psicopedagogo no contexto da aprendizagem escolar. E, num terceiro e último momento elencamos as possíveis contribuições do psicopedagogo para o processo de aprendizagem escolar.

2. CONHECENDO O TRABALHO DO PSICOPEDAGOGO

Para compreendermos a Psicopedagogia e suas características, se faz necessário entender como se deu seu início e em que situações. De acordo com Yaegashi (1998) a Psicopedagogia começou a estruturar-se no Brasil em 1960, por meio da propagação da abordagem psiconeurológica do desenvolvimento humano. No entanto, a preocupação com os problemas de aprendizagem originou-se na Europa, no século XIX, com filósofos, médicos e educadores. A autora, apoiada em Bossa (1994) afirma que os primeiros Centros Psicopedagógicos para atender crianças com problemas escolares e de comportamento foram criados na França. Estes Centros eram conduzidos por uma equipe de médicos, psicanalistas, pedagogos, psicólogos e reeducadores de psicomotricidade.

A relação do aspecto social com o fracasso escolar começou a ser enfatizada pelos pesquisadores nas décadas de 1960 e 1970 na Europa e no Brasil somente na década de 1980. Neste momento, surgem os primeiros questionamentos relacionados à origem das dificuldades escolares. Passa-se a investigar os diversos fatores de ordem social, econômica, política e intraescolares que influenciam na Educação (MASINI, 1993 apud YAEGASHI, 1998). Para Yaegashi (1998) a Psicopedagogia originou-se com o objetivo de reeducar as crianças com problemas de aprendizagem, em contrapartida, hoje sua preocupação inclui a prevenção do fracasso escolar.

Do exposto depreende-se que a Psicopedagogia origina-se, como uma forma de superar o reducionismo e com o objetivo de compreender o processo de aprendizagem a partir de uma visão mais integradora, recorrendo aos conhecimentos de várias áreas como a Pedagogia, Psicologia, Antropologia, Sociologia, Neurologia e Linguística, sem perder de vista o foco na ação educativa (YAEGASHI, 1998). Desta forma, a Psicopedagogia vai de encontro às reais causas dos problemas de aprendizagem buscando minimizar as dificuldades encontradas de modo que uma educação de qualidade se efetive.

De acordo com Yaegashi e Gabriel (2012), o trabalho da Psicopedagogia pode ocorrer de forma preventiva e terapêutica, e o profissional que exerce estes papéis denomina-se psicopedagogo ou assessor psicopedagógico. No que se refere à atuação do psicopedagogo, a autora ainda ressalta que sua ação não se caracteriza no atendimento e tratamento de problemas já estabelecidos somente,

mas que busca um real conhecimento a respeito da aprendizagem e desenvolvimento no diagnóstico, seja em situações individuais ou em grupos, exercendo um trabalho preventivo para assessorar professores e escolas (FINI, 2000 apud YAEGASHI, 2012).

No trabalho preventivo, conforme esclarece Yaegashi (2012, p. 16), o psicopedagogo

[...] atua nos processos educativos, visando diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem. Seu trabalho centra-se nas questões didático-metodológicas, bem como na formação e orientação de professores, além de fazer aconselhamento aos pais.

Enquanto no trabalho terapêutico,

[...] o objetivo é a diminuição e o tratamento dos problemas já instalados. Para tanto, elabora-se um plano diagnóstico da realidade institucional e um plano de intervenção, a partir do qual procura-se realizar um trabalho com os professores, para que tais transtornos se repitam.

O psicopedagogo³ também realiza um trabalho preventivo por meio do procedimento clínico, eliminando os transtornos já instalados, desta forma previne o aparecimento de outros transtornos (YAEGASHI, 2012).

Com relação aos procedimentos no âmbito clínico, Weiss (2012) refere-se ao diagnóstico psicopedagógico, afirmando tratar-se de uma investigação sobre o que não está indo bem com o indivíduo, ou seja, por que a aprendizagem não está ocorrendo da forma esperada. Esta investigação busca compreender de forma global a maneira de aprender e os desvios que ocorrem neste processo. Os dados obtidos são organizados nas áreas de vida social e intrapsíquica unificadas, biológica e pessoal. O objetivo do trabalho clínico, portanto, deve primar pela unidade, coerência, integração dos resultados apresentados pelos sujeitos de forma

³ O Projeto de Lei da Câmara nº 31, de 2010 dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão do psicopedagogo no território brasileiro. Define que poderá exercer a atividade quem possuir o diploma de graduação em Psicopedagogia e, também em Psicologia, Pedagogia ou Licenciatura que tenham o curso de especialização em Psicopedagogia concluído, bem como os indivíduos que possuem diploma de curso superior que já exerceram ou venham exercendo atividades profissionais de Psicopedagogia em instituição pública ou privada, até a data de publicação da lei. De acordo com o projeto de Lei, o curso de especialização em Psicopedagogia tem duração mínima de seiscentas horas e 80% da carga horária dedicada à área.

que não ocorra apenas uma soma dos resultados de testes e provas. Na ação diagnóstica há sempre a necessidade de recorrer a conhecimentos teóricos e práticos, o que se verifica, promove uma alimentação mútua entre prática e teoria (WEISS, 2012). Para a autora, “[...] o que é percebido pelo próprio indivíduo ou pelos outros é chamado de sintoma” (WEISS, 2012, p.31). Destaca também que o sintoma sempre nos mostra, nos diz algo sobre o problema manifestado e que o mesmo surge da interação entre a personalidade e o sistema social em que o sujeito está inserido. Weiss (2012) revela que desta forma, evidencia-se um desvio atrelado às exigências do meio fazendo-se necessário que tal desvio seja bem compreendido para então traçarem-se rumos a serem seguidos no diagnóstico.

Weiss (2012) ainda aponta dois eixos de análise fundamentais para o psicopedagogo iniciar o diagnóstico psicopedagógico no trabalho clínico: o eixo horizontal e o eixo vertical. No primeiro, o olhar está voltado para o campo presente, a busca centra-se nas causas que existem simultaneamente ao sintoma. São utilizados como instrumentos, entrevistas com o paciente, com os pais e irmãos, bem como com a equipe da escola. Também são analisados desenhos, provas, textos e materiais que o sujeito produziu fora da clínica. No segundo eixo, o indivíduo é colocado de forma contextualizada nos diferentes momentos, buscando a construção geral do mesmo. Para isso, são realizadas entrevistas com a família, com a escola e com outros profissionais e são analisados os relatórios escolares, os registros, os laudos e os álbuns de fotos (WEISS, 2012).

Uma das formas de realização do diagnóstico psicopedagógico no âmbito clínico é apresentada por Weiss (2012) e constitui-se de uma sequência que pode ser modificada conforme as especificidades de cada caso. Portanto, vale ressaltar que estas sequências diagnósticas devem levar em consideração as necessidades de cada caso sabendo que podem ocorrer modificações nestas estruturas de obtenção de diagnósticos. Weiss (2012, p. 39), apresenta um exemplo dessas sequências:

Entrevista Familiar Exploratória Situacional (EFES);
Entrevista de Anamnese;
Sessões Lúdicas Centradas na Aprendizagem (para crianças);
Síntese diagnóstica – Prognóstico;
Entrevista de Devolução e Encaminhamento.

Como já citamos, modificações podem ocorrer e a autora aponta como as mais comuns: os casos em que os pais são separados e incompatibilizados e, portanto, são realizadas duas anamneses iniciais; adolescentes que preferem o primeiro contato a sós; iniciar com uma anamnese em caso de dúvidas com relação a diagnósticos anteriores ou se o paciente esteve ou está em acompanhamento com outros profissionais.

A Psicopedagogia Clínica tem como objetivo recuperar a autoestima que foi se perdendo durante a escolarização, trabalhando as condições adversas de aprendizagem da criança, do adolescente e do adulto, de forma que estes sujeitos percebam que são dotados de potencialidade e são capazes de realizar, sem o auxílio de outra pessoa, as atividades escolares. No âmbito clínico, o trabalho é desenvolvido em centros de saúde e em clínicas particulares e na maioria das vezes o trabalho é realizado individualmente (BOSSA, 2000 apud VERCELLI, 2012).

No campo institucional a atuação do psicopedagogo implica na realização de atendimentos no coletivo, e assim como na Psicopedagogia Clínica, o uso de instrumentos de diagnóstico e intervenção são específicos. Em ambos os casos a escolha dos instrumentos vai depender do referencial teórico metodológico que o profissional assume (CAMARGO, 2012).

Assim, no âmbito institucional o psicopedagogo pode atuar em escolas, empresas, indústrias, fábricas, hospitais, postos de saúde. Camargo (2012) destaca que o psicopedagogo ao realizar suas intervenções psicopedagógicas deve estar sempre atento às especificidades de cada instituição com relação aos processos de assepsia, em se tratando de hospitais, postos de saúde, aos processos de segurança nas indústrias e fábricas. Também deve estar atento aos procedimentos administrativos, como normas de horários e às particularidades dos sujeitos que atende.

Camargo (2012, p.41) salienta ainda que

[...] se o objetivo de estudo da psicopedagogia é o processo de aprendizagem e se aprendemos em todos os lugares e em todas as idades o psicopedagogo deve atuar não somente na escola e não somente com crianças.

Desta forma, a Psicopedagogia assume um papel de extrema importância no auxílio de diversas instituições minimizando os impactos dos problemas de

aprendizagem. No que se refere às dificuldades de aprendizagem no campo institucional, conforme Camargo (2012, p. 41)

o problema de aprendizagem na instituição aparece nas relações interpessoais de trabalho, uma vez que as ações coletivas são imbricadas de tal forma que se uma parte não é executada de maneira correta as demais ficam comprometidas. O que define uma instituição é o fato de haver mais de uma pessoa e com regras que organizam as ações destas pessoas, que estabelecem entre si uma relação ativa e interativa.

Neste contexto, o psicopedagogo institucional ao realizar suas intervenções e diagnósticos deve levar em consideração o fato de que seu trabalho é desenvolvido com um grupo de pessoas e não com cada um isoladamente e que cada sujeito da instituição exerce um papel de suma importância no processo de trabalho.

Camargo (2012) aponta uma sequência de passos, a partir de uma perspectiva geral, a serem seguidos na realização do diagnóstico psicopedagógico institucional. Inicia-se com o contato com a instituição, levantamento da queixa, instrumentos para a coleta de dados (entrevista, pesquisa documental, questionário, observação), análise dos dados, hipótese diagnóstica, entrevista devolutiva e, por fim, a apresentação da proposta de intervenção.

No que se refere aos instrumentos de intervenção no campo institucional, de acordo com Camargo (2012) são utilizados jogos, como na área clínica, porém tratam-se de jogos coletivos, que podem ser interpretados como técnicas de grupo às quais são aplicadas e posteriormente são analisadas pelo grupo e, neste caso, o psicopedagogo atua como mediador.

Psicopedagogia Institucional realiza um trabalho com o coletivo nas instituições em que atua e deve sempre atentar para a realidade e particularidades de cada instituição, promovendo experiências que transformem a realidade do coletivo. Para tanto, utiliza-se de instrumentos específicos os quais estão amparados pelo referencial teórico-metodológico que o profissional deseja tomar em sua prática psicopedagógica.

3. O PSICOPEDAGOGO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

Antes de delinear o papel do psicopedagogo no contexto escolar, é importante que entendamos a definição de dificuldades de aprendizagem ou

problemas de aprendizagem, porque este profissional lida diretamente com as questões dos problemas e das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Silva (2015, p. 4), apoiada em Gricorenko e Ternemberg (2003), define dificuldades de aprendizagem como

[...] um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos.

Apoiada em Smityh e Strick (2001), a autora traz também outra definição do termo, “[...] problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar, comunicar informações” (SILVA, 2015, p.4).

Nas duas definições apresentadas acima sobre o termo dificuldades de aprendizagem, o indivíduo é entendido como alguém que possui um problema biológico, uma incapacidade física que interfere no processo de aprendizagem, no acompanhamento dos conteúdos dentro do tempo que a escola entende como normal para aprender.

Neste contexto, Scoz (2009) esclarece que para encontrar uma definição clara e abrangente de dificuldades ou problemas de aprendizagem não é nada fácil e que por muitos anos o fator orgânico foi quem orientou a reflexão dos educadores e terapeutas que tratavam desta questão. Para Scoz (2009) o foco no fator orgânico ocorreu por volta dos séculos XVIII e XIX com o crescimento das ciências médicas e biológicas, principalmente da Psiquiatria. Na época, foram desenvolvidos estudos de neurologia, neurofisiologia, e neuropsiquiatria, por laboratórios interligados a hospícios, que tomavam seus pacientes como anormais. Scoz (2009) aponta que mais tarde, o conceito de anormalidade passou a estar presente nas escolas, para designar as crianças que não acompanhavam seus colegas na aprendizagem, ficando conhecidos como anormais escolares, pois seu fracasso era concebido como alguma anormalidade orgânica.

Ainda conforme a autora, a utilização de alguns conceitos psicanalíticos na área médica modificou a visão de doença mental, bem como, as concepções correntes sobre as causas das dificuldades de aprendizagem. Houve uma mudança na terminologia para designar crianças com problemas de ajustamento ou de aprendizagem escolar, que antes eram chamadas de crianças anormais, e passam a ser denominadas crianças problemas. Isso ocorreu quando a influência ambiental

sobre a compreensão do processo de desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos de vida e a questão afetivo-emocional na determinação de desvios passa a ter destaque.

Scoz (2009) pontua que no Brasil houve divulgação da corrente psicanalítica e a atenção voltou-se para a relação adulto/criança. Porém, a responsabilidade pelos problemas de aprendizagem ainda eram atribuídos à dimensão orgânica e aos seus desvios. Na década de 1960, a medicalização do fracasso escolar foi reforçada, devido à introdução da abordagem psiconeurológica do desenvolvimento humano, trazendo consigo as noções de Dislexia e Disfunção Cerebral Mínima.

Scoz (2009) também chama a atenção para o movimento da Escola Nova, a qual norteou a política da educação dos anos de 1920 a 1960. Tal movimento baseou-se “[...] numa nova concepção de infância, que reconhecia a especificidade psicológica da criança, em contraposição aos pressupostos filosóficos e psicopedagógicos do ensino tradicional” (SCOZ, 2009, p.21). Porém, a proposta inicial acabou promovendo uma redução psicológica no que se refere à explicação dos problemas de aprendizagem.

Para Scoz (2009) estudos apoiados na Sociologia da Educação, tentaram chamar a atenção para a importância das condições mais amplas da sociedade na determinação dos problemas de aprendizagem. Porém, tal abordagem adotou a postura muito radical de que o fator social fosse o único responsável pelos problemas de aprendizagem, perdendo a multiplicidade de aspectos que o ser humano possui e não podem ser esquecidos quando se trata dos problemas de aprendizagem. Diante do exposto Scoz (2009, p. 22) alerta que

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos/sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta e transformações da sociedade.

Contudo, o início das discussões sobre a definição do termo dificuldades de aprendizagem foi marcado por concentrar o problema no aluno, seja por deficiências ou por limitações pessoais. No entanto, esta visão organicista foi questionada ao longo dos anos, permitindo novos estudos na busca de entendê-la de uma forma

mais ampla. Compreende-se hoje que a origem dos problemas de aprendizagem não deve ser buscada somente nos fatores sociais, orgânicos ou afetivos isoladamente, mas é necessário entender, que são múltiplas as causas, e que o sujeito não deve ser responsabilizado por não aprender.

Apesar de avanços com relação à escola, ao ensino e aos problemas de aprendizagem, Patto (1996) relata que ainda há uma propensão a culpabilizar o aluno pelo fracasso escolar, apenas acrescida das discussões sobre a má qualidade do ensino. Patto (1996) não é uma obra recente, mas ainda se faz importante essa leitura, pois passados 20 anos, ainda podemos encontrar discussões em que o aluno é visto como o responsável por não aprender juntamente com a má qualidade do ensino nas escolas. Diante das considerações sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos, cabe delinear a ação do psicopedagogo no contexto escolar, bem como entender a sua relação direta com os alunos e a comunidade escolar, buscando enxergar o seu processo de atuação como um todo.

No contexto escolar, como já citado, a atuação psicopedagógica acontece de forma terapêutica e preventiva. Segundo Gabriel e Yaegashi (2012, p.28), apoiadas em Bassedas *et al.* (1996)

A tarefa do psicopedagogo consiste em colaborar com a escola em relação a determinados alunos que apresentam dificuldades no seu processo educativo, seja em nível de aprendizagem ou de relacionamento.

Ainda apoiadas em Bassedas *et al.* (1996), Gabriel e Yaegashi (2012) acreditam ser indispensável instituir um contexto de colaboração com os professores e a escola diante de todos os objetivos estabelecidos. Apontam que o psicopedagogo deve complementar o trabalho do professor, buscando resolver, discutir ou atingir determinadas situações. Para que este profissional atinja tais metas são necessárias as informações fornecidas pelo professor, o que permite uma colaboração eficiente do seu trabalho. Desta forma, o psicopedagogo parte daquilo que o professor pode oferecer e vai além, buscando estratégias apropriadas e convenientes para realizar suas atividades.

É de extrema relevância que o psicopedagogo mantenha sua presença continuamente no interior da escola, o que possibilitará a este profissional o conhecimento global da instituição e poderá colaborar de uma forma discreta, mas

constante, para renovar e realizar mudanças (BASSEDAS *et al.*, 1996 *apud* GABRIEL; YAEGASHI, 2012).

Do exposto, depreende-se que o psicopedagogo tem possibilidade de trabalhar com a concepção que os professores possuem sobre os processos de ensino-aprendizagem especificando a multidimensionalidade do problema, destacando a relevância de se considerar os fatores pedagógicos, afetivos/sociais, orgânicos e cognitivos, dentre outros (FINI, 2000 *apud* GABRIEL; YAEGASHI, 2012).

Ainda apoiadas em Fini (2000), Gabriel e Yaegashi (2012) alertam que o psicopedagogo inserido no âmbito escolar não deve ser visto como um portador de soluções prontas onde só ele possui a verdade, mas este profissional deve procurar acompanhar e impulsionar o trabalho de professores e demais profissionais da escola, procurando contribuir para que haja uma eficiência e coerência significativa, desde o momento da definição do projeto pedagógico e da análise e discussão de situações até os casos especiais, participando com todos os envolvidos neste processo.

Gabriel e Yaegashi (2012, p. 29), corroboram com Bassedas *et al.* (2000), quando tratam do trabalho do psicopedagogo no interior da escola

Sua colaboração pode acontecer de diversas formas, o que irá depender da solicitação do professor, em função da avaliação das necessidades após haver realizado o diagnóstico, bem como, em função da análise das circunstâncias dos diferentes sistemas e, mais especificamente, do sistema aula.

Notamos que o trabalho do psicopedagogo deve levar em consideração as contribuições dos professores, pois desta forma, poderá realizar suas intervenções com base em uma visão mais ampla sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos no cotidiano escolar. E, desta forma, as autoras destacam que o psicopedagogo precisa contribuir com uma visão diferente, o que permite a ampliação de seu campo de observação em relação ao aluno e o ajuda a elaborar respostas adequadas. Para que tal fato aconteça, é necessário também que este profissional se afaste da situação de forma que lhe permita observá-la e analisá-la por meio de contextos diferentes, considerando as relações e interações sem a influência do grupo onde o aluno está inserido (BASSEDAS *et al.*, 1996 *apud* GABRIEL; YAEGASHI, 2012).

Ainda sobre o trabalho psicopedagógico no contexto escolar, Gabriel e Yaegashi (2012, p.29), apoiadas em Scoz (1992), assinalam que

[...] pode estar voltado para a assessoria de professores e demais educadores, nas escolas, com o objetivo de contribuir para a melhoria do trabalho docente, ampliando a perspectiva de análise das questões pedagógicas e alternativas de trabalho.

As autoras também alertam que para tanto é necessário que os educadores sempre se questionem sobre as causas dos resultados insatisfatórios, refletindo sobre tal insuficiência com o auxílio do psicopedagogo e buscando determinar o que as produziu.

Deste modo, a importância do papel deste profissional no contexto escolar é evidente, visto que o mesmo identifica as dificuldades de aprendizagem do aluno e a que estão atreladas, bem como pode reformular as práticas pedagógicas em conjunto com o corpo docente com a finalidade de atender a tais dificuldades, intervindo assim, no contexto de aprendizagem do aluno visando superar ou ao menos minimizar o fracasso escolar já posto em nossa sociedade. Tendo em vista, alunos que requerem atendimento diferenciado, o professor deve agir juntamente com o psicopedagogo e suas orientações.

Diante do exposto até aqui, cabe refletir sobre a realidade do nosso país com relação ao acompanhamento do psicopedagogo às crianças carentes que possuem dificuldades ou problemas de aprendizagem. Infelizmente o que presenciamos nesta reflexão, é um cenário de descaso com essas crianças que vem das camadas mais baixas da população, pois o que se percebe é que o trabalho do psicopedagogo se faz realmente presente no contexto das crianças de famílias mais abastadas que tem possibilidade de custear os atendimentos e quando olhamos para a escola pública, percebemos que não há um psicopedagogo para auxiliar as escolas no trabalho com as crianças que necessitam de acompanhamento. Devido ao fato dessas crianças, muitas vezes, não desfrutarem de um atendimento diferenciado, as mesmas não superam suas dificuldades e problemas de aprendizagem e acabam por desistir de frequentar a escola dentre outras consequências.

Desta forma, entendemos que se faz necessário o olhar para essas crianças carentes, pois as mesmas necessitam de um acompanhamento especializado tanto quanto a criança de família com condição financeira mais favorável, porém não

possuem esse auxílio para a superação ou diminuição de suas dificuldades no processo de aprendizagem escolar.

4. AS CONTRIBUIÇÕES DO PSICOPEDAGOGO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

Para delinear as possíveis contribuições do psicopedagogo no processo de aprendizagem escolar, faz-se necessário entender a importância do olhar ampliado a respeito da origem das dificuldades de aprendizagem para que se possa entender a realidade, o que se faz necessário para que este profissional realize o seu trabalho com vistas a prevenir tais dificuldades no processo de aprendizagem que o aluno possa vir a apresentar.

Para Weiss (2012, p. 19) a não aprendizagem na escola é uma das causas do fracasso escolar, porém ressalta que esta questão é bem mais ampla. Sobre o fracasso escolar entende como “[...] uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola”. Com relação ao fracasso escolar, Patto (1996) por sua vez, destaca algumas das causas da dificuldade de aprendizagem, tendo em vista as crianças das classes mais baixas da população, tais como a realidade em que essa criança vive, a precariedade da escola que não tem condições de lidar com esse aluno e a falta de conhecimento das condições dos alunos por parte dos professores. Também ressalta que há uma contradição no processo educativo juntamente com a impessoalidade.

Neste contexto, Weiss (2012) pontua três diferentes perspectivas que podem ser estudadas e analisadas sobre a questão do fracasso escolar. São elas: a da sociedade; a da escola; e, a do aluno. A autora explica que a perspectiva da sociedade é mais ampla e permeia as demais e é onde estão presentes os tipos de cultura, o tipo de estrutura social, as condições e relações político-sociais e econômicas, as ideologias dominantes e as relações desses aspectos com a educação escolar. De acordo com a autora, ao realizar um diagnóstico psicopedagógico do fracasso escolar de um aluno não se deve desconsiderar as relações existentes entre a produção escolar e as possibilidades que determinada sociedade oferece aos representantes das diversas classes sociais. Destaca, que os alunos das escolas públicas brasileiras pertencentes às camadas de mais baixa renda da população, geralmente são considerados como “deficientes mentais”, com

problemas graves de aprendizagem e são incluídos em classes escolares especiais”. No entanto, conforme destaca a autora

Na realidade, falta-lhes oportunidades de crescimento cultural, de rápida construção cognitiva e desenvolvimento da linguagem que lhes permita maior imersão num meio letrado, o que por sua vez, facilitará o desenvolvimento da leitura e da escrita (WEISS, 2012, p.19).

Weiss (2012, p. 19) ressalta ainda que as condições socioeconômicas e culturais, também interferem nos aspectos físicos dos alunos pertencentes às camadas de baixa renda da população “[...] pelas consequências nos períodos pré-natal, perinatal, pós-natal, assim como a exposição a mais fácil a doenças letais, acidentes, subnutrição e suas consequências”. Desta forma, os alunos pertencentes a um contexto de baixa renda estão sujeitos a vários tipos de influências que podem limitar suas condições físicas que são necessárias para a aprendizagem.

No que se refere à perspectiva da instituição escolar, a autora acredita ser a maior contribuinte para o fracasso escolar dos alunos. Afirma que esta perspectiva não pode ser estudada isolada da anterior. Como destaca “A escola não é isolada do sistema econômico; pelo contrário, é um reflexo dele”. (WEISS, 2012, p.20). Nesta perspectiva, Weiss (2012) destaca a baixa qualidade da escola, onde os professores trabalham em espaços desestruturados, desprovidos de recursos materiais e pedagógicos e não são reconhecidos pela sociedade, famílias e alunos. Desta forma, a má qualidade do ensino promove um desestímulo na busca do conhecimento o que pode ser visto ainda como um problema do aluno, por não demonstrar interesse nas aulas e por não realizar os estudos em casa.

Weiss (2012) também traz a questão do avanço científico/tecnológico onde a escola por vezes não incorpora tais ferramentas ao processo de ensino e aprendizagem como computadores, aparelhos de vídeo, televisão, enquanto seus alunos as utilizam em seu cotidiano fora da escola. Aponta que há falhas na dosagem de informações transmitidas aos alunos, na avaliação da aprendizagem e se tais situações forem mal conduzidas, geram ansiedade para o aluno, o que pode ocasionar a desorganização de sua conduta por não dar conta do excesso de ansiedade. Também, pontua que quando os conteúdos do programa escolar são trazidos para as sala de aula de forma inadequada, tornam-se conteúdos de difícil assimilação, gerando confusão com conhecimentos já adquiridos. Portanto, todas

estas questões precisam ser levadas em consideração no diagnóstico psicopedagógico, para evitar que os problemas sejam alocados somente nos alunos.

Weiss (2012) apresenta que a perspectiva do aluno diz respeito às suas condições internas de aprendizagem. A ansiedade que o aluno vivencia em situações de conhecimentos novos ou considerados difíceis, a exigência da família e da escola, o sentimento de incapacidade, dentre outras situações, leva-o a diferentes condutas em sala de aula que podem atrapalhar o processo de elaboração do conhecimento. Pode-se citar como exemplos dessas condutas: alunos com agitação intensa; desatentos; “doenças” (dores na mão, na barriga, na cabeça); esquecimento de tudo que sabe na hora da prova. Weiss (2012) aponta que todas essas condutas podem conduzir a uma dificuldade posterior na aprendizagem escolar que vai se ampliando.

WEISS (2012, p.27) alerta que quando o aluno está prestando atenção em uma aula e de repente começa a sacudir as pernas ou se movimentar enquanto lê silenciosamente, este aluno está vivendo um momento de dissociação no campo da conduta, onde está havendo uma interferência emocional e afirma que

[...] dissociações graves e incontroláveis podem indicar várias formas de doença mental e/ou neurológica que exigem um diagnóstico mais especializado e complementar com outros profissionais.

Weiss (2012) pontua ainda que na prática diagnóstica, há outros aspectos ligados a essas perspectivas que devem ser levados em consideração. São eles: orgânicos; cognitivos; emocionais; sociais e pedagógicos. A interligação destes aspectos permite a construção da visão ampliada das diversas causas das dificuldades de aprendizagem. Portanto, há que se realizar a investigação partindo das particularidades da realidade deste aluno para que se encontre o caminho da aprendizagem significativa.

Há que se considerar também a importância de promover uma reflexão com relação a qualidade da educação e da necessidade da presença de outros profissionais neste contexto e, neste sentido Sena e Soares (2015) destacam que a família exerce uma função indispensável no processo de aprendizagem da criança bem como o vínculo afetivo e, o que acontece por vezes é que os pais, por diferentes e variadas razões, não conseguem enxergar que seus filhos estão

apresentando dificuldades de aprendizagem. E, deste modo, a atuação do psicopedagogo também se estende à família visando incluir os pais neste processo, realizando reuniões, por exemplo, de forma que estes pais acompanhem o trabalho dos professores.

Sena e Soares (2015, p. 7 – 8) chamam a atenção para a relação professor-aluno, que também deve ser pensada, pois “[...] o educador também faz parte de um processo de participação, entrega e superação”. Desta forma, o educador planejará com vistas a construir o futuro do sujeito, e não apenas em ensinar os conteúdos propriamente ditos.

Diante do exposto, entendemos que o psicopedagogo no âmbito do trabalho preventivo, deve envolver a criança, a escola, a família, a sociedade, ou seja, conhecer e entender a realidade na qual o aluno está inserido. A partir disso, poderá obter uma visão integral do indivíduo, de forma a desenvolver um trabalho de prevenção das dificuldades de aprendizagem.

Deste modo, vale ressaltar as contribuições do trabalho preventivo que o psicopedagogo realiza na instituição escolar. Segundo Ciasca (2003, p. 175)

[...] são trabalhadas pessoas envolvidas no processo de aprendizagem e o próprio aprendiz que ainda não apresenta dificuldades. Essa atuação dedica-se a áreas relacionadas ao planejamento educacional, elaboração e atividades para o aprendiz e assessoramento pedagógico para os professores. Nessa tarefa, são avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem.

Nesta ação preventiva, o psicopedagogo trabalhará com todas as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem do aluno, ou seja, com professores, coordenadores, e o aluno que ainda não apresentou dificuldades com os conteúdos e atividades escolares. Apoiada em Weiss e Sargo (1994), Ciasca assevera que por meio do trabalho preventivo junto à instituição, o psicopedagogo realiza o levantamento, a compreensão e a análise das práticas escolares, tendo como objetivo, promover a construção de novas práticas produtoras de melhor aprendizagem, juntamente com os outros profissionais que atuam na escola.

Deste modo, Ciasca (2003), em consonância com Scoz (*et al*, 1998), pontua que o psicopedagogo no trabalho preventivo deve trabalhar com a prevenção dos fracassos de aprendizagem, buscando melhorar a qualidade do desempenho escolar do aluno, bem como oferecer o apoio psicopedagógico em todos os

trabalhos que são realizados na escola, apoiando os professores que atuam no ensino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicopedagogia vem ganhando espaço como campo de estudo das questões relativas às dificuldades de aprendizagem. Neste contexto, verifica-se que o trabalho do psicopedagogo é de extrema importância no contexto da aprendizagem escolar e na relação com a ação e prática pedagógica. Este profissional pode atuar de forma preventiva ou terapêutica e suas contribuições são reais e efetivas, tanto no sentido de prevenir que os problemas de aprendizagem se instalem, quanto no sentido de minimizar ou superar as dificuldades que o aprendiz já apresenta. Para cada caso de acompanhamento, o psicopedagogo desenvolve seu trabalho de forma diferenciada, sempre com vistas a melhorar o desempenho dos alunos, da equipe pedagógica da escola e conseqüentemente do ensino.

Nas suas intervenções o psicopedagogo deve possuir uma visão ampliada sobre as dificuldades de aprendizagem do aluno, levando em consideração a realidade a qual este aluno está inserido no que se refere às questões sociais, culturais, econômicas, familiares, escolares, biológicas. Pois, o aluno também está suscetível às influências do mundo que o cerca e das vivências que possui neste meio, e tal fato pode interferir significativamente no processo de aprendizagem escolar.

Concernente ao trabalho da Psicopedagogia, ainda é necessário que se realize mais pesquisas, com o objetivo de fundamentar as questões que envolvem as dificuldades de aprendizagem e intervenções psicopedagógicas, há muito o que se estudar e pesquisar acerca do papel do psicopedagogo e suas contribuições no contexto escolar.

6. REFERÊNCIAS

BASSEDAS, E. *et al.* (Org.). **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

_____. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** São Paulo: Artmed, 2000.

BRASÍLIA. Assembleia Legislativa. Projeto de Lei Complementar PLC 31/2010. Altera a Lei Complementar nº 3.512, de 2008 que dispõe sobre a regulamentação do exercício da atividade do psicopedagogo no território nacional. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/96399>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

CAMARGO, J. S. Psicopedagogia institucional: escolar, empresarial e hospitalar. In YAEGASHI, S. F. R. (Org.). **A psicopedagogia e suas interfaces: reflexões sobre a atuação do psicopedagogo**. Maringá: CRV, 2012. p. 37-59.

CIASCA, S. M. **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliações interdisciplinares**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bKBJBR45omAC&oi=fnd&pg=PA165&dq=tese+sobre+psicopedagogia&ots=Y9sjnmOjo&sig=Uf3klOyHq3BBtMoxHz9aRROhJgw#v=onepage&q=tese%20so bre%20psicopedagogia&f=false>. Acesso em: 30/11/2015.

FINI, L. D. Rendimento escolar e Psicopedagogia. In. SISTO, F. F. *et al.* (Orgs.) **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GABRIEL, L. L., YAEGASHI, S. F. R. As contribuições da psicopedagogia na ação pedagógica. In Solange Franci Raimundo Yaegashi (Org.) **A psicopedagogia e suas interfaces: reflexões sobre a atuação do psicopedagogo**. Maringá: CRV, 2012. (p. 23-35).

GIL, R. L. **Tipos de Pesquisa**. 2008. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/ecb/files/2009/09/Tipos-de-Pesquisa.pdf>. Acesso em: 17/11/2014.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: T.A. Queiroz, reimpressão 1996.

SARGO, C. *et al.* **A práxis psicopedagógica brasileira**. São Paulo: Herval Gonçalves Flores, 1994.

SCOZ, B. J. L. *et al.* "A regulamentação da profissão assegurando o reconhecimento do psicopedagogo". **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, vol. 17, n. 43, p. 4-9, 1998.

SCOZ, B. J. L. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SENA, C. C. B; SOARES, M. **A contribuição do psicopedagogo no contexto escolar.** 2015. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/joaomaria/126-23385343>. Acesso em 30/11/2015.

SILVA, A. J. B. M. **O Psicopedagogo e as intervenções nas dificuldades de aprendizagem.** 2015. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/helio123456/esp-andressa-jully-bento-de-medeiros-silva>. Acesso em: 30/10/2015.

STRICK, C.; SMITHI, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

VERCELLI, L. de C. A. **O trabalho do psicopedagogo institucional.** *Revista Espaço Acadêmico*, nº 139. São Paulo: Universidade Nove de Julho, p. 71 a 76, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/17281/10050>. Acesso em: 20/09/2015.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 14ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

YAEGASHI, S. F. R. O que é psicopedagogia? **Série Apontamentos nº 76.** Maringá: Eduem, 1998.

YAEGASHI, S. F. R. (Org.) **A psicopedagogia e suas interfaces: reflexões sobre a atuação do psicopedagogo.** Maringá: CRV, 2012.